



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Praça dos Restauradores, 43 a 49  
LISBOA

# Mootcy

Só não tem Cabello  
nem Barba  
quem quer!!

Fazemos nascer Cabello aos calvos e Barba aos sem ella, em 20 a 24 dias

O genuino **Mootcy** é o unico preparo para a barba e o cabelo, que se produz segundo as ultimas experiencias da sciencia, e é provado que o genuino **Mootcy** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabelo e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

O preço para o **MOOTCY** é de **2\$515 réis por porção** (uma porção chega perfeitamente).



Mootcy depôt: HOLMENS KANAL, 28-Kopenhagen, 164

Deposito em Lisboa :

**FERREIRA & FERREIRA, Succes.—99, Rua da Prata, 101**

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.  
o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—  
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—  
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—  
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-  
mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia  
e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta.—  
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).  
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.  
PARIS.—334, Rue St. Honoré.  
LONDON W.—10, Wigmore Street.

LOUIS  
RHÉAD

# Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,  
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-  
gräber, etc.

Partituras  
de Operas  
antigas e modernas  
para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade



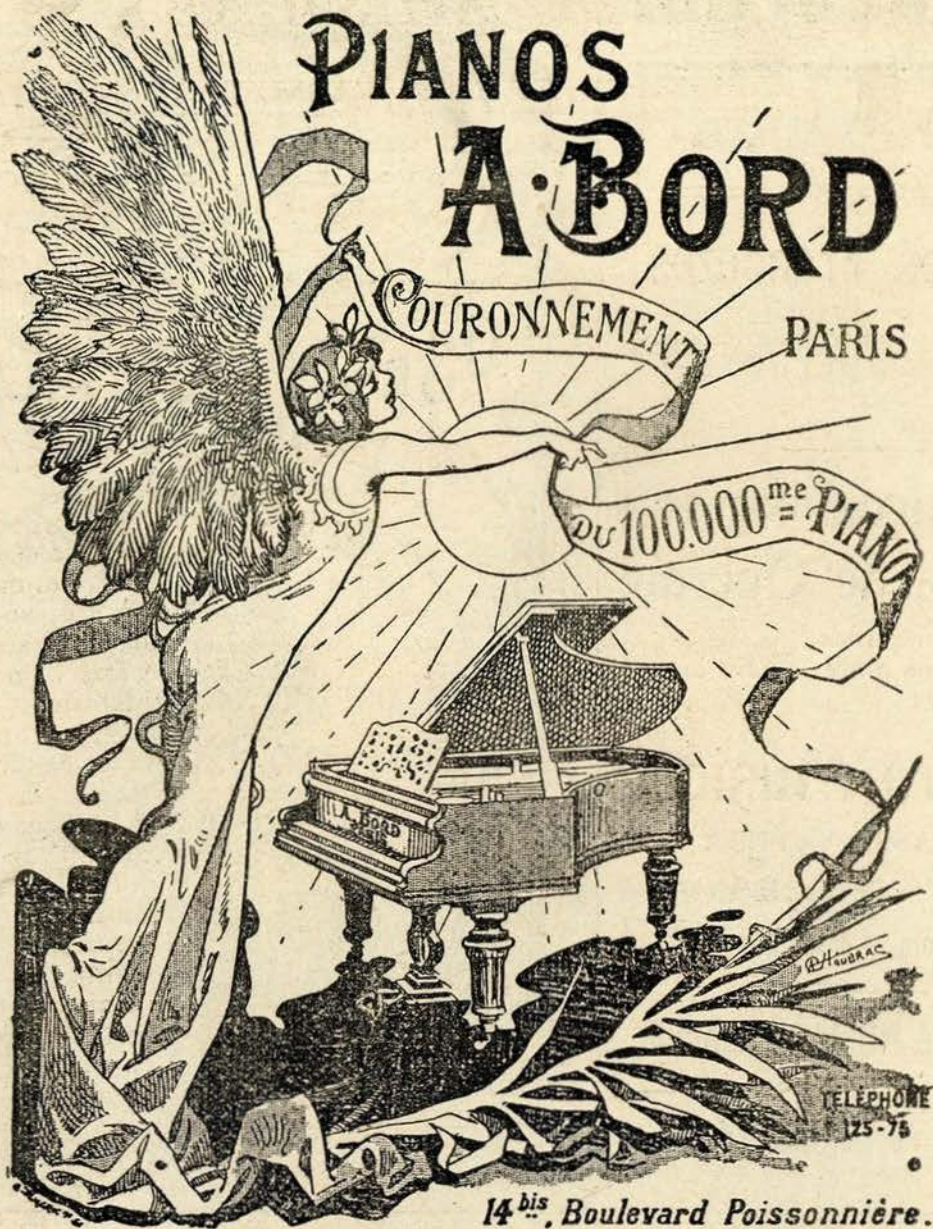
# LAMBERTINI

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos

CELEBRES  
PIANOS

# BECHSTEIN

Praça dos Restauradores



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000  
Produção até hoje..... 119:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 a 44

SUMMARIO: — Maria Luiza Ritter. — Um concurso de violinos. — Concurso de Musica Portuguesa. — Notas vagas. — Theatro de S. Carlos. — Concertos. — Noticiario.

## Maria Luiza Ritter

E' um dos mais valiosos nomes da actual Hespanha musical. Nasceu em Valhadolid, oriunda de duas familias de escriptores e musicos, que desde muito nova lhe insuflaram a chamma sagrada. Iniciou-a a propria mãe nos elementos do solfejo e do piano, apresentando-a, com apenas seis annos, em um concerto, que teve o patronato da rainha regente Maria Christina. Não nos atrevemos a suppôr que entre as suas peças d'estreia tenha figurado a op. 106 de Beethoven ou a sonata de Liszt; mas o que é certo é que a graça e facilidade, com que dedilhou as suas sonatinas de minusculla principiante, lhe valeram a protecção da infanta Isabel e as vantagens d'uma solida educação official.



MARIA LUIZA RITTER

rada a conquista de varios premios, nas classes de solfejo, piano, harmonia e musica de conjuncto.

A partir dos 16 annos, emprehendeu a talentosa pianista um giro de concertos em varias cidades hespanholas, animando-se a ir até ao Mexico dar uma série de *recitals* com caracter historico. Foi um pequeno triumpho, cujos beneficios materiaes lhe valeram uma longa estada na Allemanha.

Em Berlim, Maria Luiza Ritter frequentou assiduamente os grandes pianistas, estudou longamente a technica e a maneira de trabalhar de cada um; não contente com isso, estabeleceu se algum tempo em Paris, e tomou lições com Jean Huzé para harmonia, contraponto e estylo.

Dando por terminados os seus trabalhos, voltou a Hespanha onde se conservou durante bastantes mezes para meditar sobre tudo o que apren-

Discipula de José Tragó, de Arin e de Monasterio, não lhe foi difficil nem demorou e pôr em ordem os seus vastos conhecimentos musicaes, ganhando por fim a sua

completa emancipação e aquella independência artistica, que dá um cunho inconfundível ás mais salientes individualidades da Musica.

A notavel artista fixou-se definitivamente em Paris, onde, além de cultivar o professorado, se apresenta frequentemente como concertista.



## UM CONCURSO DE VIOLINOS

(Continuação)

Escolhidos os instrumentos que deviam figurar definitivamente n'este curioso certamen, não tardou que se realisasse a prova final, na presença de um publico numeroso e selecto.

No decurso da prova foi supprimida a iluminação, salvo durante alguns segundos entre cada trecho, de modo a poderem-se registrar as impressões recebidas.

O programma continha as recommendações seguintes :

1.<sup>a</sup> — Para não influir nas decisões do jury, pede-se o favor de não applaudir apoz a audição de cada violino, e não comunicar a pessoa alguma as proprias impressões.

2.<sup>a</sup> — Para dar ao escrutinio todo o seu valor, pede-se que se abstenham de votar as pessoas que não tenham competencia especial para o fazer, ou se encontrem embaraçadas em pronunciar-se.

Foi tirada á sorte a ordem em que os violinos tinham de ser ouvidos, e invertida essa ordem na segunda audição. Emfim, para que o primeiro instrumento ouvido não soffresse desvantagem, por não estar ainda o artista *em dedos*, convencionou-se que o trecho seria executado uma vez, *para nada*, n'um violino qualquer.

Collocados os 19 instrumentos sobre uma longa meza, e completamente cobertos com um panno verde, só d'ali eram tirados para a experiencia e voltavam para o mesmo logar enquanto a sala estava ás escuras. Assim só eram conhecidos do publico pelo numero que a cada um correspondia, e que era anunciado em voz alta antes e depois da execução.

Reunidos os 220 boletins de voto, pois apesar de estarem mais de 450 pessoas na sala só se apuraram esses votos, procedeu-se ao escrutinio final, que deu o seguinte resultado :

1 —	Violino n.º 9 —	Gand et Bernardel —	102 votos
2 —	»	» 13 —	Stradivarius — 96 votos
3 —	»	» 8 —	Vuillaume — 92 »
4 —	»	» 17 —	Guadagnini — 85 »
5 —	»	» 18 —	Guarnerius — 83 »
6 —	»	» 15 —	Montagnana — 82 »
—	»	» 14 —	Guarnerius — 82 »
—	»	» 12 —	Copia de Stradivarius — 82 votos

Como se vê estes tres ultimos violinos foram classificados *ex-æquo*, e os outros onze não alcançaram mais que 27 a 79 votos.

Assim o violino que ficou collocado á testa do concurso foi um *Gand et Bernardel*, instrumento com apenas 26 annos d'idade, e dado como premio ao violinista Hayot por occasião de terminar o seu curso no Conservatorio de Paris.

Ora este resultado, se por um lado prova de maneira irrefutavel não ser absolutamente preciso que o instrumento tenha dois seculos d'existencia e tenha custado 4 ou 5 contos de réis, para possuir todas as qualidades de homogeneidade, brilhantismo, facilidade d'emissão e pureza de timbre, que se requerem n'um violino d'artista, parece demonstrar tambem, o que seria evidentemente um disparate, que as qualidades sonoras d'este instrumento sobrepujam a do magnifico Stradivarius Kreutzer, <sup>1</sup> que com elle concorria e que na votação obteve o segundo logar.

Não é positivamente assim e o proprio *Monde Musical* se encarrega de nos esclarecer o motivo d'este inesperado resultado, nos dois periodos seguintes do seu numero de 15 de janeiro ultimo :

«Car la seule critique que nous nous adressons à nous-mêmes de l'organisation du concours est de n'avoir pas stipulé que les violons devaient être inscrits sur le bulletin de vote dans l'ordre de préférence et de n'avoir pas tenu compte de cet ordre dans le dépouillement du scrutin, par l'attribution d'un coefficient : 6 points pour le premier nommé, 5 pour le second, 4 pour le 3<sup>e</sup>, etc .., jusqu'à 1 pour le dernier».

«Si nous avions procédé de cette manière, le Stradivarius, bien qu'ayant obtenu 6 voix de moins, aurait passé le premier avec 3 points de plus : 379 points contre 376 au Gand et Bernardel. Encore l'écart eût il été plus grand (le n.º 9 venant sur le programme avant le 13) si tous les juges eussent été prévenus qu'il serait tenu compte de l'ordre d'inscription. C'est un enseignement pour l'avenir».

Parece portanto concluir-se que pondo em comparação os antigos instrumentos italia-

nos, com os modernos de boa factura, bem escolhidos, fabricados com madeiras sonoras e bons vernizes, bem montados e já tocados, guardam ainda assim aquelles uma superioridade manifesta sobre estes, não talvez pela potencia sonora, mas sem duvida alguma pela maravilhosa qualidade do timbre.

O que é certo é que o curioso campeão se assignalou por uma dupla victoria: — para o *Stradivarius* de Louis Doyen, porque realmente obtinha a supremacia da votação, se esta tivesse sido mais reflectidamente ordenada — e para o *Gand et Bernardel* de Maurice Hayot, pela unanimidade com que os votantes lhe reconheceram as mais subidas qualidades d'instrumento de concerto.

Contentemo-nos provisoriamente com esse resultado, emquanto se não produzirem outras provas, que venham esclarecer mais nitidamente esta interessante questão d'arte.

1: — Nem sempre é facil estabelecer a historia de cada um dos violinos do illustre cremonense. A do *Kreutzer* é das mais seguras.

Tem a data de 1720 e foi adquirido pelo violinista Rodolphe Kreutzer em 20 Ventôse do anno III da republica (1795), pela somma de 7,500 francos, conforme se vê no livro de despezas que a mulher de Kreutzer cuidadosamente escripturava. Parece enorme essa quantia para a epoca; mas devemos lembrar que os pagamentos eram feitos em *assignats*, cuja garantia estava bem longe de compensar um augmento, mesmo exagerado, de preço. Convencemo-nos d'isso se percorrermos o tal livro de despezas, onde se encontram verbas curiosas: —

Feitio de um par de calças.	francos	330
2 banhos.....	»	330
1 leque ... ..	»	500
5 gravatas . . . . .	»	2250
1 arco de violino.....	»	2000
6 arrateis de tabaco.. . . .	»	2400
etc., etc.		

Por este andar, a despeza do *ménage* Kreutzer ascendeu no fim do anno á bagatella de 89000 francos, o que não está nada em proporção com o que um violinista podia ganhar em pleno periodo revolucionario. Mas dada a desvalorisação do *assignat*, pode calcular-se que o instrumento terá custado uns 1000 francos, em moeda metallica.

Entre os numerosos discipulos de Rodolphe Kreutzer, no Conservatorio, havia um

por quem tinha grande predileção. Era Lambert Massart, a quem, por morte do mestre, foram dados todos os instrumentos, partituras e manuscritos que lhe haviam pertencido.

Conservou Massart durante toda a sua vida o precioso *Stradivarius*, cedendo-o apenas algumas vezes aos seus melhores discipulos, como Wieniawski, Berthelier, Geloso, etc.

Por morte de Lambert Massart, foi posto o instrumento em venda. Alberto Caressa, o intelligente *luthier* pariense que tivemos ha pouco entre nós, chegou a offerecer por elle n'essa occasião 33000 francos, mas o lanço foi coberto com 1000 francos, pelo seu actual proprietario, Louis Doyen.

Irmão do celebre medico do mesmo apelido, Louis Doyen é um grande amator de violino (discipulo de Bunzli, Moreau, Hennequin, Geloso e Hayot) e tambem um fanatico colleccionador d'instrumentos. O seu *Kreutzer*, que é uma das perolas da colleção, tem sido emprestado varias vezes a Ysaye, Marsick, Thibaud e outros grandes concertistas, para n'elle tocarem a *Sonata a Kreutzer*.



## CONCURSO

DE

### Musica portugueza

E' a primeira vez que se abre, entre portuguezes, um concurso de composição musical.

Torna-se ocioso frisar o alto significado patriotico e artistico que reveste esta iniciativa, e a forte lição que d'ella pode dimanar, pelo exemplo e pelo incentivo.

Até hoje, o compositor portuguez enfileirava, entre os artistas musicos, diremos mesmo entre os artistas de todas as especialidades, em uma classe extremamente curiosa e tão rara, que talvez se não encontrasse outra identica nos fastos da actividade humana. A classe dos que nada fazem, porque .. nada podem fazer.

O pianista, o violinista, o cantor estudam uns tantos annos e acabam por tocar ou cantar. O pintor estuda uns tantos annos e acaba por pintar. O esculptor estuda uns tantos annos e acaba por esculpir. E assim por diante.

O compositor estuda os mesmos tantos annos e acaba por .. não compôr. E o mo-

Jury para o Concurso

de Musica Portugueza



Adriano Merea



Alberto Sarti



Antonio Arroyo



F. Freitas Gazul



Frederico Guimarães



João D'Korth



Antonio Taborda



Augusto Gershey



Augusto Machado



Georges Wendling



J. Vianna da Motta



Manuel Tavares



Ernesto Vieira



Filippe Duarte



Francisco Benetó



Marquez de Borba



Pedro Blanch



Timotheo da Silveira



tivo d'esta extravagante abstenção é facil de vêr-se. Não compõe, porque as suas producções não seriam tocadas, nem impressas, nem vendidas.

Ora entre os factores que concorrem para essa pouco sorridente perspectiva, julgamos poder apontar como primordiales — por um lado a falta de um decidido e constante apoio por parte das nossas principaes collectividades artisticas — e por outro a velha reluctancia, quasi diríamos repugnancia, em aceitar como bom o que é genuinamente nosso.

Em qualquer dos dois sentidos, o certamente imaginado pela *Sociedade de Musica de Camara*, e tão elevadamente comprehendido e apoiado por todos, promette dar resultados de inilludivel vantagem. E' pelo menos uma porta aberta aos compositores, e porta que lhes não será mais fechada, se, como é de suppôr e esperar-se, a mesma sociedade ou outras igualmente desejosas d'impulsionar a arte patria, se dispuzerem a repetir periodicamente o emprehendimento em condições de mais pratico estimulo.

Como primeira tentativa, ha todo o motivo para nos congratularmos, pois a affluencia de concorrentes bem mostra que para os nossos artistas compositores nem foi indifferente o appello, nem passou despercebido o elevado alcance da iniciativa

E d'isso nos convenceremos facilmente pela lista completa das obras que concorrem e que adiante publicamos com as legendas ou numeros que distinguem cada uma d'ellas.

### Quartetos de cordas

Homenagem a Haydn

21.070.099

Mocidade

Quand mème...

10.041.023

Patria

Meus males não espanto...

Cardo

74.380

Pela Patria

### Sonatas de piano e violino

Amôr e arte

8.041.007

A visão interior é a essencia de toda a arte

Ha muito eu canto

5

Odonanreff

Vivo para a arte

### Quartetos de piano

Propheta

Mas...

Triumphal, grande symphonia

E' vasto, como se vê, o material de concurso e não vae ser trabalho leve o exame consciencioso das vinte obras que o compoem; mas se d'esse trabalho resultar a revelação ou a consagração d'indiscutíveis talentos, affigura-se nos que ninguem lastimará o trabalho e tempo perdidos.

Vae effectuar-se amanhã, 16, a primeira reunião do illustre jury, sendo os principaes intuitos da reunião constituir a meza e tomar posse das obras que fazem objecto do interessante certamen.



### Cartas a uma Senhora

129.<sup>a</sup>

De Lisboa.

Em plena paschoa florida lhe vão chegar estas linhas. Em frente da minha janella florescem as olaias e agitam-se as acacias, e no ar, d'um azul esbatido, passam alegres e rufantes bandadas de pombos em cujas asas como que ondula a mocidade e o amor...

Venho de visitar exposições varias, de quadros e de monumentos.

Ficam-se-me os olhos no lindo e suggestivo arco triumphal que Ventura Terra concebeu e realisou para commemorar uma data gloriosa da nossa historia heroica, e pergunto aos destinos por que não foi elle o escolhido.

Certamente o preferido é lindo, da mesma maneira que outros havia que por igual poderiam e deveriam ser aproveitados para futuro ornato d'esta cidade, tão bem tratada de Deus e tão mal querida dos homens; mas o arco de Ventura Terra respondia a um tempo ás sollicitações do patriotismo e ás exigencias da arte; era bello e era grande; e, tanto quanto o ponto de vista da utilidade pôde ter cabida em esthetica, era util.

Emfim, não tinha de ser, visto como todos andamos apostados a passar sempre ao lado do que o bom senso indica e agora toca a esperar melhor monção, porque quero ainda convencer-me que o arco ha de fazer-se, com aquelle ou com outro motivo allegorico, que nem por isso deixará nunca de poder ser um motivo patriótico.

Por ultimo, resta-me saudar a minha terra que já apresentou n'um concurso numerosos projectos de artistas, consagrados ou não, mas todos elles dignos de serem admirados e sobretudo dignos de serem executados — aqui na capital ou no resto do paiz.

E nada mais que estou com pressa de lhe falar de pintores e das suas exposições.

Nada menos de quatro, a de Alves Cardoso, a da Sociedade Silva Porto, a de Teixeira Bastos, a de Julio Pina. Em todas ellas encontrou a minha visão com que se consolar e com que se prender, e assim como não esqueço os céus das telas de Alves Cardoso, fixo com prazer os nomes de Frederico Ayres, Abel Santos, José Campas, Calderon Saude e Trigoso, uns a caminho já da posse completa da sua technica e da exteriorisação da sua personalidade, outros entrando n'elle e demonstrando quererem lutar e vencer.

Depois fica-me Teixeira Bastos, artista feito, consciencioso e vivo, tendo da paisagem uma noção objectiva da maior nitidez e da mais flagrante verdade, e dando nos por vezes em certos quadros a sensação real da vida da natureza e da variedade dos seus aspectos e em outros fazendo-nos sentir pedaços da alma errante d'essa natureza, feita de sonho e de côr, de luminescencia e de encanto.

Finalmente, Julio Pina, que se me afigura mais feliz na figura que na paisagem, acaso nem por isso deixa, aqui e ali, de nos mostrar com tal ou qual justeza alguns recantos da encantadora região que escolheu para os seus estudos.

Como vê, minha amiga não vamos de todo falhos na materia, e isto nos compensa de outras deficiencias e nos rehabilita de varias vergonhas.

Poderia ainda citar-lhe o projecto de monumento ao inesquecivel João de Deus, em que Moreira Rato, por momentos visionou o que em meu modesto entender deveria ser um monumento ao querido poeta da mulher e das creanças, mas não pretendo abusar da sua longanimidade, e quero, antes do ponto final, registrar com toda a enternecida sympathia que a intenção merece, a publicação do primeiro volume, *Recordações*, de Herminio da Silveira, pobre moço colhido ao desabrochar da existencia, e em cuja mente

a poesia fizera ninho, dourando-lhe a imaginação com a luz ardente da fé e o divino fulgor das illusões.

Esse volume, onde apparecem compiladas pelas mãos amantes e docemente affectuosas de uma saudosa mãe, os trabalhos esparsos do filho estremecido, bem como as *Orações* que elle e a pobre irmã que na morte foi fazer-lhe companhia, haviam composto e decerto resado e que a amargurada senhora tambem piedosamente colligiu e publicou, receberão, mesmo da nossa indiferença de apathicos e do nosso scepticismo de descrentes, o acolhimento respeitoso, e a compungida veneração que os sentimentos fundos e fortes, e as convicções sinceras e candidas sempre despertaram em quem seja normalmente constituido.

Possa a Sr.<sup>a</sup> D. Rita da Silveira, na pratica do bem a que se consagrou e no desempenho da tocante tarefa a que do coração se votou, encontrar o possível balsamo para o espinho que eternamente lhe ha de sangrar. e levemos-lhe nós, querida amiga, a solidariedade da nossa dôr e o preito do nosso carinho.

AFFONSO VARGAS.



Com a *Salomé* completou a empresa no dia 30 de março 71 recitas da companhia lirica italiana, sendo 60 de assinatura, 10 populares e um beneficio. Com a companhia francesa tinha havido 16 de assinatura e uma popular. Ao todo 88 recitas.

Eis o numero de vezes que cada opera foi cantada: *Aida*, 7; *Amór de perdição*, 7; *Baile de mascarar*, 4; *Barbeiro de Sevilha*, 10; *Burguesinha*, 3; *Butterfly*, 8; *Chemineau*, 4; *Hebreia*, 4; *Lakmé*, 3; *Lucia*, 2; *Manon*, 4; *Mefistofeles*, 4; *Mignon*, 3; *Rigoletto*, 4; *Salomé*, 7; *Sansão*, 6; *Trovador*, 4; *Werther*, 3. O 1.<sup>o</sup> acto do *Sansão*, o 2.<sup>o</sup> da *Aida* e o 4.<sup>o</sup> da *Traviata* constituiram o espectáculo a favôr dos sobreviventes dos terramotos do sul da Italia.

Das operas novas cantadas coube á *Salomé* as honras de levantar entre os *dilettanti* o maior numero de controvercias, pelos extraordinarios processos harmonicos de que Strauss lançou mão para pôr em musica o poêma. Partitura cheia de scien-

cia, onde Strauss demonstra que possui largos e profundos conhecimentos de harmonia e contraponto. Musica saturada de dissonancias, que durante sete quartos de hora seguidos nos fixam a atenção, não sabendo nós que mais admirar, se a sciencia musical do compositor, que é portentosa, se a ousadia de apresentar uma partitura, que é tudo quanto até hoje ha de mais arrojado em processos de intrincada harmonia.

Do elenco da companhia franceza já falamos em occasião propria. Da companhia italiana são bem poucos os artistas a quem podemos fazer agradaveis referencias. Destacaremos em primeiro lugar os sopranos sr.<sup>a</sup> Kruceniski, artista superior sob todos os pontos de vista, e a sr.<sup>a</sup> Farnetti, sendo bem poucas as recitas em que tomaram parte. A soprano ligeiro sr.<sup>a</sup> Mignon Nevada e o tenor Fernando Carpi tornaram-se notaveis pela sua béla escola de canto e pela facilidade e mestria de vocalização. A deficiencia de timbre em uma e outro era muito sensível e seriamente os prejudicava nos lances dramaticos ou quando a instrumentação orquestral era mais vigorosa. Dos baritonos cabe a primazia a Mario Ancona, que só cantou nas 4 recitas de *Baile de mascarar*, e que com a sua magnifica voz e escola de *bel canto* nos deliciau nas suas noites felizes. Enrico Nani é um artista novo com bela voz de baritono e boas condições para fazer carreira.

A pobreza de bons artistas de canto na época lirica finda teve como principal desculpa a tardia concessão á nova empresa e portanto a impossibilidade de organizar a tempo um elenco escolhido. Bom será que na futura época lirica o facto se não repita.

No dia 3 de abril começaram as recitas do *Anel pelo Ouro do Rheno*, repetido em 5 e no dia 4 a *Walkiria*, repetida a 6.

O pequeno espaço de tempo decorrido entre as recitas da companhia italiana e a primeira do *Anel* era insufficiente para ensaiar regularmente as duas primeiras jornadas da Tetralogia, embora durante os ultimos dias de março algumas tardes tivessem sido aproveitadas em ensaios preparatorios da orquestra, que tem o principal trabalho, por assim dizer. Não estranhámos por isso que a orquestra não satisfizesse cabalmente. Pelo contrario Surpreendeu-nos agradavelmente o excelente resultado colhido dos poucos ensaios feitos, o que é uma prova de que o *maestro* é um bom director de orquestra e de que esta é composta de magnificos elementos.

No *Ouro do Rheno* e *Walkiria* tomaram parte alguns artistas alemães de bastante

merecimento. São dignos de especial referencia a sr.<sup>a</sup> Zimmerman (Freia e Siglinde), a sr.<sup>a</sup> Stevens (Brunhilde), o tenor Franz Costa (Loge e Sigmundo) e o baixo cantante Zavilowski na parte do deus Wotan. Kroner e Tauber são tambem artistas muito regulares.

Estranha-se, como é natural, a pronuncia aleman e fere-nos o ouvido a pouco cuidada emissão das notas agudas, o que talvez nos dá a razão de quase sempre serem desafinadas. E este defeito é em especial muito sensível no elemento feminino.

No primeiro acto da *Walkiria* foi bem cantado o dueto de amor entre Sigmundo e Siglinde, de molde caracteristicamente italiano. Os dialogos do segundo acto entre Wotan e Brunhilde e depois entre esta e Sigmundo, embora longos, despertaram grande interesse. A cavalgada das *Walkirias* é um dos trechos sinfonicos em que se tornou mais sensível a falta de ensaios de apuro na orquestra. Todo o final do 3.<sup>o</sup> acto, de difficil execução nos instrumentos a que está distribuido o motivo-condutor de Loge, obteve da orquestra um desempenho digno de elogio. Outro tanto não podemos dizer dos trechos sinfonico-descriptivos que ligam os quatro quadros do *Ouro do Rheno*, que não tiveram nem a firmeza de execução nem a unidade precisas. Tudo estava muito exultante.

Repetimos Muito fizeram os nossos artistas com o minguado numero de ensaios para a execução de tão colossal obra e oxalá que as ultimas duas jornadas do *Anel* não desmereçam do muito que até hoje se tem obtido.

Da longa propaganda feita a favôr d'esta monumental obra de Wagner e dos estudos preparatorios a que muitos dos nossos *dilettanti* se dedicaram, resultou um acolhimento inesperado por uma obra que até hoje parecia inexequível entre nós. Wagner fazia fugir do teatro; ninguem o entendia. A apresentação e regular desempenho do *Anel* por certo fará esquecer o tempo, que não vai longe, em que uns quantos frequentadores de S. Carlos pediram que os *Mestres cantores* fossem retirados de scena. Não mais se repetirão vergonhas d'essas. O teatro de S. Carlos de Lisboa era em tempo considerado como de primeira ordem. Se com o anti-artístico sistema dos espectaculos diarios e variados desceu de categoria, não havendo occasião para devidamente serem ensaiadas as partituras que se pretendem cantar, ainda com alguma boa vontade é possível dar com esplendor algumas obras de reconhecida reputação no mundo musical.

O palco de S. Carlos é bastante grande.

No entanto, ou porque apesar d'isso não tem ainda as condições requeridas para a montagem da Tetralogia, ou porque não possui os maquinismos para ella precisos, o que é certo é que a encenação não satisfaz, principalmente aos que teem assistido no estrangeiro ás representações do *Anel*.

12 de abril.

ESTEVES LISBOA.



Foi summamente interessante a sessão de musica de camara que a *Academia de Amadores* organisou em 31 do mez passado, com o primeiro *Trio* de Haydn, a *Sonata em lá menor* de Schumann e, em primeira audição, um *Trio* de Dubois.

Tudo havia a esperar da execução, confiada a tres mestres, os snrs. Hermani Braga, Jorge Wendling e Cunha e Silva, considerados professores das aulas de piano, violino e violoncello da mesma Academia. E de facto o exito correspondeu plenamente a tudo o que de mais lisongeiro se pudesse prevêêr.

No *Trio* de Haydn logo se viu a perfeita unidade de sentimento, a exemplar sobriedade e respeito, que distingue a execução collectiva dos illustres artistas, servidos, de mais a mais, por uma technica excellente e por um profundo conhecimento da obra classica. Passando para outra phase, inteiramente differente, da historia da musica, com a encantadora sonata de Schumann, souberam os snrs. Braga e Wendling identificar-se magistralmente com as tendencias ultra-romanticas da obra; com um pouco mais de calôr em certas passagens e de equilibrio rythmico no ingrattissimo terceiro andamento, a sua execução seria perfeita.

Quanto ao *trio* de Dubois, não podemos resistir a um vago sentimento de revolta contra nós proprios, por não têmos podido assimilar, n'esta primeira audição, as bellezas que ha-de decerto contêr. A factura é sem duvida primorosa, se bem que erichada de tremendas difficuldades d'execução; mas sob o luxo e opulencia d'essa indumentaria, não logramos attingir, por maiores esforços que fizessesmos, a linha sinuosa e doce da verdadeira belleza. Pareceu-nos até, salvo

o devido respeito, algo vazia d'ideia e de nexo essa obra, e o que mais nos chamou a attenção foi o promenor que mais conviria esquecer — a extrema transcendencia technica da interpretação, vencida aliás brilhantemente pelos eximios professores.

Alguns dias depois, em 3 d'este mez, voltou a incansavel Academia á estacada, e d'esta vez com um concerto d'orchestria e de piano.

A orchestra, sob a segura batuta de Jorge Wendling, mostrou-se digna de todo o elogio no *minueto* e final da *Symphonia La Reine* de Haydn, e sobretudo na abertura do *Rienzi*, em que a unidade e a afinação foram strictamente observadas. Pareceu-nos hesitante e escassamente preparada a *Symphonia Escocesa*, de Mendelssohn, que preenchia toda a segunda parte do concerto. E' a primeira vez que se ouvia em Lisboa esta obra do genial *dilettante*, contada entre os seus melhores trabalhos de musica symphonica. Aparte o *adagio*, que é diffuso e vago, toda a symphonia merece que n'ella se ponham os mais meticulosos cuidados d'interpretação, e estamos convencidos que será a propria orchestra que a desejará vêr novamente na estante, para a estudar com toda a devoção e tirar d'ella todo o partido possivel. Da *Danse des Dryades* de Raff, nada podemos dizer, por não estarmos na sala quando se executou.

Quanto á parte pianistica do concerto, estava confiada a uma das brilhantes discipulas de Hernani Braga, a snr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Nunes da Matta, que, apesar da inexperiencia das suas 15 primaveras, nos revelou já os mais apreciaveis dotes de pianista intelligente e aprumada. Na sua *Sonata pathetica*, no *Preludio e Fuga* de Bach, e nas outras peças que apresentou, teve momentos, e não poucos, em que logrou conquistar nobremente os applausos de que a rodearam.

\*

### Orpheon Academico

No sarau que os estudantes da Uiversidade de Coimbra realisaram na noite de 1 do corrente, no Colyseu dos Recreios, com o fim altamente sympathico de angariar capitaes destinados á fundação na cidade de Coimbra, d'um Jardim Escola João de Deus, apresentou-se pela primeira vez ao nosso publico, o orpheon academico, dirigido pelo nosso amigo e distincto amator Antonio Joyce.

Sobre o modo como se creou o actual orpheon e os fins a que visa, é inutil repetir

o que se encontra desenvolvidamente relatado no artigo do primoroso escriptor Afonso Vargas, publicado no n.º 245, d'esta revista.

Antonio Joyce a quem seguimos de perto na sua educação musical, revelou-nos desde logo uma intuição artistica fóra do vulgar. Discipulo de violino do malgrado professor Victor Hussla, seria hoje um concertista distincto, se os seus trabalhos escolares o não impedissem de se dedicar inteiramente ao estudo do seu instrumento querido.

Ainda assim conseguiu obter uma technica apreciavel, bella qualidade de som e uma dicção correcta e elegante, qualidades estas, que o collocaram na fila dos nossos primeiros amadores.

O resurgimento do orpheon academico, tarefa a que Joyce se entregou agora de alma e coração, seria para qualquer outro de eguaes recursos artisticos uma empresa irrealisavel, mas Joyce suppre a falta de elementos technicos com os extraordinarios dotes intellectuaes com que a natureza prodigamente o dotou.

O orpheon compõe-se de 200 executantes, e como é natural as vozes são frescas e vibrantes, salientando-se algumas vozes de baixo e tenores de bom timbre e de volume apreciavel.

A batuta de Antonio Joyce é firme, clara e suggestiva, resultando que todas as entradas se fazem sem hesitar assim como as phrases são rematadas com precisão. Executaram-se trechos de Bach, Weber, Wagner, Keil, e uma rapsodia de Antonio Joyce e Izidro Aranha.

Em todas as obras executadas se conservou sempre a mesma egualdade e notavel claro escuro, merecendo porém referencia especial o coral de Bach, o côro dos caçadores do Freichutz e a rapsodia de Joyce e Aranha.

A factura d'esta composição é realmente interessante, revelando os seus auctores qualidades que bem aproveitadas lhes poderiam garantir um brilhante futuro.

Antonio Joyce, assim como todos os executantes, foram entusiasticamente applaudidos por todo o publico que enchia a vasta sala do Colyseu.

L. C.

\*

Entre os convites, que recebemos durante a quinzena finda, prezámos particularmente o que por especial gentileza da illustre professora, sr.<sup>a</sup> D. Palmyra R. Baptista Mendes, nos foi endereçado para o sarau pela mesma senhora organizado em 2 do corrente.

Forçados, por imprescindiveis motivos, a declinar esse honroso convite, não desejamos comtudo deixar de dar nota de quaes os artistas e amadores que tomaram parte na interessante festa musical, que nos dizem ter sido revestida do maior brilho e animação.

Alem da notavel professora, que tocou a solo a *Ballada em sol menor* de Chopin, apresentaram-se como pianistas as sr.<sup>as</sup> D. Maria d'Abreu Baptista, D. Maria de Lourdes Baptista Mendes, D. Maria Theresa Sequeira de Sottomayor, D. Helena Simões, D. Maria Podestad da Cruz, D. Hortense Braz Fernandes, D. Eugenia da Costa Cardoso, D. Rosa Braz Fernandes Gomes, D. Alice de Carvalho Lobo, D. Maria Theresa Ferreira, D. Maria A. Menezes do Valle, e D. Maria Julia Castanheira d'Almeida, todas discipulas da proficiente leccionista.

D. Clara Sarti, D. Maria Helena Pery de Lind e José da Costa Carneiro, cantando romanzas e arias, e D. Branca Colaço recitando poesias, completaram brilhantemente o programma.

\*

### Concerto de Miss Hilda King no Porto

No salão Gil Vicente, no Palacio de Crystal, realisou em 3 do corrente um delicioso concerto a interessantissima harpista Miss Hilda King que nos salões da capital tanto se tem feito admirar e applaudir pelas suas brilhantes qualidades de *virtuose*.

N'aquelle mesmo lugar — onde em concertos do *Orpheon* se fizeram ouvir ainda não ha muito tempo o harpista francez Carlos Salzedo e a já hoje celebre Henrietta Rénié uma das mais extraordinarias *virtuoses* da harpa — conseguiu Miss Hilda King reunir uma concorrencia numerosissima e selecta, na qual predominava a parte mais distincta da colonia ingleza no Porto.

O bello exito da sessão ficou assegurado desde a primeita peça, tão evidentes foram as provas de que na jovem harpista se encontram as qualidades mais valiosas de concertista, como sejam a nitidez, correcção, sonoridade, conhecimento dos efeitos e infallibilidade da memoria. A assistencia compensou-lhe o seu excellento trabalho com o mais unanime e caloroso entusiasmo, que não arrefeceu no decorrer de todo o extenso programma. E' geralmente sabido quanto é difficil sustentar a attenção d'um publico perante uma larga serie de peças de harpa, instrumento admiravel e valioso nas orchestras mas de reduzidos re-

curtos como instrumento a sólo. Por mais que se pretenda variar um programma, mais se cabe na uniformidade dos efeitos, e do timbre, na seccura da cantilena, na invariabilidade dos harpejos e dos glissandos. Falta-lhe a riqueza da paleta d'um bom piano, quando sob os dedos d'um pianista conhecedor do valôr de todas as tintas e das nuances que ellas lhe podem prestar; mas é incontestavel que a elegancia decorativa do instrumento exerce uma grande influencia no seu exito, levando promptamente o auditorio a interessar-se pela singular belleza dos efeitos que lhe são proprios, ainda mesmo que a harpa não disponha senão d'uma litteratura original, pobre em demasia, excepto quando ella deriva da riquissima litteratura do piano.

Ora o programma do concerto de Miss King não cançou, porque era composto de obras para todos os gostos e tendencias em materia musical, e porque todas ellas tiveram o maior relêvo, segurança e aprumo de execução.

Citaremos porém como das peças que mais nos agradaram pela fórma e pela musicalidade a *Ballada* de Albert Zabel e a *Fantasia*, op 95, de Saint-Saëns, em que Miss King affirmou uma organização artistica verdadeiramente notavel em idade tão juvenil.

A sympathica e graciosa concertista teve como collaboradoras do seu concerto M.<sup>elle</sup> Haydée de Andrade Mello, pianista, e sua irmã a menina Alice Andrade Mello, violinista, discipula do nosso prezado amigo Carlos Dubini, que revêla já a par d'uma sonoridade e afinação deliciosas, um certo arrojado de technica que, em relação aos seus poucos annos, muito promette para um animador futuro artistico.

Fez muito de bom na 1.<sup>a</sup> parte do *Concerto* de Mendelsshon, e agradou-nos sobremaneira no trio sobre um *Largo* de Händel. M.<sup>elle</sup> Haydée de Andrade executou proficientemente e com apreciaveis qualidades pianisticas a *Chanson d'Amour* de Liszt e ainda a magnifica *Fantasia* de Chopin, bem como os acompanhamentos de piano das peças concertantes.

Miss Hilda King que, como já dissemos, foi entusiasticamente saudada pelo publico, foi tambem brindada com uma valiosa taça em crystal e prata, ornada de preciosas flores, tendo pendente um cartão de prata com uma homenagem da União Christã da Mocidade Portugueza, para a qual revertu o producto do concerto.

As outras gentis collaboradoras do sarau foram presenteadas com dois elegantissimos bouquets. A interessante concertista deve

levar do seu concerto no Porto as mais gratas e inolvidaveis impressões.

(Do nosso correspondente).

\*

A *matinée* promovida em favôr de Julian Sanz, no dia 4, foi não sómente uma commovente manifestação de philantropia e de solidariedade profissional, mas tambem uma bella festa musical, cheia d'attractivos artisticos de subida importancia

Fallemos primeiro do beneficiado. Fóra das suas obrigações quotidianas no theatro D. Amelia, onde dirige o sexteto, raras vezes se tem produzido Julian Sanz entre nós, em condições de fazer valer os seus merecimentos. Apenas, de onde em onde, a *Sociedade de Musica de Camara*, que requer para os seus trabalhos, artistas de grande musicalidade e segurança technica, se tem valido do auxilio do modesto artista, umas vezes como violinista, outras como violista — encontrando sempre n'elle, não sómente uma devoção e desinteresse constantes, mas tambem todas as qualidades de tocadôr, consciencioso, firme e intelligente, que se tornam exigiveis para a boa execução de musica de camara. Mas fora d'um limitado nucleo de amadores e entendiados, e fora dos seus habituaes companheiros de profissão, passaria quasi despercebido o superior talento d'este moço artista, se a fatalidade de uma doença implacavel e a resultante mingua de recursos, o não vem lançar repentinamente em plena luz.

Assim, foi surpresa para muitos o modo como elle executou os *Airs bohémiens* de Sarasate, apesar de debilitado pela doença e pela fadiga de uma tarde inteira de esmagador trabalho e preocupação; foi mais que surpresa, foi verdadeira conmoção para muitos, a quem vimos correr as lagrimas quando terminou o sentido *lento*, que serve de exordio a essa formosa composição.

Como se não bastasse a apresentação d'essa obra para affirmar o seu valôr e a sua boa vontade, Julian Sanz tocou ainda violino na abertura do *Anacreonte* de Cherubini e no violento *Motto Perpetuo* de Paganini, tocou violeta no *Crepusculo dos Deuses* e no *Sous les Tilleuls* de Massenet e dirigiu a orchestra de cordas nas duas *Melodias* de Grieg. Se se tem apresentado tambem como pianista, que o é muito distincto, não lhe escasseiariam egualmente merecidos applausos.

Fallemos de passagem no *Motto Perpetuo*; convem ainda dizer que esta difficil peça de virtuosidade, executada em unisono pelos

violinistas Benetó, Blanch, Forssini e Sanz, teve um estrondoso successo, que se traduziu pela mais entusiastica das ovações. E na realidade, dado o insufficiente preparo, só quatro artistas d'aquella envergadura se saberiam salvar a limpo de tão perigosa empreza, e evitar que do mais pequeno desequilíbrio pudesse resultar um escandaloso fracasso.

A *Sociedade de Musica de Camara*, com o primeiro andamento do *Quarteto* de Grieg, que interpretou primorosamente, tambem conquistou um bom quinhão de applausos.

Não podemos deixar de citar com prazer os solistas d'esse tarde: — o talentoso pianista José Bonet, que, em um *impromptu* de sua composição, nos veiu confirmar o alto conceito artistico em que o temos — e a violoncellista D. Camilla Avila, que, na *Chanson Napolitaine*, soube vencer galhardamente muitas das difficuldades technicas d'essa incommoda peça de concerto.

E já que fallamos de violoncello, felicitemos tambem o professor Passos, pelo seu delicioso solo de *Sous les tilleuls*, que tantos e tão justos applausos lhe tem valido desde que pela primeira vez o executou na *Grande Orchestra Portuguesa* — sendo de boa justiça dizer-se que a peça perde cincoenta por cento do seu valôr na transcrição, em que d'esta vez a ouvimos.

Os notaveis actores Augusto Rosa e Antonio Pinheiro illustraram ainda o programma com a recitação de varias poesias, e Chaby Pinheiro, cujos meritos de *diseur* toda a gente reconhece, preferiu contribuir n'esta festa com talentos de outra ordem e que para nós eram por completo desconhecidos. Cantou *chansonnettes*!

\*

No artigo em que acima se descreve o concerto da menina Hilda King, no Porto, e que é devido á captivante amabilidade de um dos nossos illustres collaboradores d'aquella cidade, não se allude a um segundo concerto que a sympathica harpista effectuou nas salas da *União Christã da Mocidade Feminina*, ao Cantal, em 6 d'este mez.

Comprehende-se a omissão visto o artigo nos ter sido enviado antes da realisação d'este segundo concerto.

\*

A *Schola Cantorum* effectuou a 7 o anunciado concerto espirital, com as *Sete Palavras de Christo*.

Referiamo-nos, no nosso ultimo numero, a uma pretendida transformação posthuma d'esta obra, levada a effeito por um dos irmãos de José Haydn, no senti lo de dar-lhe a forma de *oratoria*, com que n'esta occasião a iamos ouvir.

Uma duvida que, a proposito d'essa affirmacão, nos suscitou um venerando amador de musica, levou nos a estudar melhor o assumpto e a rectificar, consequentemente, o que então dissemos.

Em fins do seculo XVIII celebrava-se a Quinta-feira Santa, em varias cidades de Hespanha, com uma oração, a que se chamava *intero*. Fazia-se a cerimonia com extraordinaria pompa: um pregador explicava successivamente cada uma das sete palavras pronunciadas por Jesus no cume do Golgotha: nos intervallos devia executar-se uma musica digna de tão levantado assumpto.

Segundo Fétis, foi um sacerdote de Cadix quem directamente confiou a José Haydn a composição de 7 numeros symphonicos para esse effeito. Carpani<sup>1</sup> afirma que os promotores d'esse espectáculo sacro fizeram publicar annuncios em toda a Europa, offercendo um premio consideravel a quem apresentasse um trabalho condigno — acrescentando que fôra Haydn o unico concorrente.

E' ainda esse escriptor italiano que defende a collaboração posthuma de Miguel Haydn nas *Sete Palavras*, avançando que este lhe juntara a parte vocal (texto e musica)

Ora tanto A. E. Vaucorbeil na *Maitrise*, como Barbedette no *Menestrel*, desmentem categoricamente essa affirmacão, estribando-se no prefacio inscripto pelo proprio Haydn na edição transformada das *Sete Palavras de Christo*. Sigismundo Neukomm, discipulo e amigo dos dois Haydn, assegura tambem que Miguel Haydn foi completamente extranho ao trabalho do irmão.

Dizia o famoso compositor que, no dominio da symphonia, as *Sete Palavras* eram a sua melhor creação. E' uma questão de ponto de vista esthetico que não é para discutir-se agora; mas, um largo seculo depois, affigura-se-nos que, como musica religiosa, deixa por vezes bastante a desejar e nem sempre corresponde no character e no estylo, á grandeza do momento historico que pretende descrever.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> G. Carpani — *La Haydina, lettere sulla vita e le opere del celebre maestro Giuseppe Haydn*, — (Milão 1812).

<sup>2</sup> A proposito da musica religiosa de José Haydn, contam os seus biographos que o irmão lhe dizia muitas vezes: — «Toma cuidado, José, toma cuidado! Feceio bem que a tua musica sacra te erio má reputação lá em cima e te prepare, para mais tarde, um acolhimento hostil».

De todos os modos, foi felicissima a ideia da *Schola Cantorum* de fazer conhecer esta obra no momento actual — já porque a commemoração annual da Paixão lhe creara o necessario ambiente — já porque apoz os destemperos da *Salomé* e as selvagerias das irmãs de Brunhilde, vinha bem, para os nossos nervos, a doçura ingenua d'este calmanete.

Alberto Sarti fez maravilhas ensaiando e regendo a interessante partitura e só os muito exigentes poderiam notar, na execução complexiva da obra, umas pequenas differenças d'andamento, algum desequilibrio de força sonora no quarteto vocal e quasi imperceptiveis hesitações de ataque nos instrumentos de corda; mas nada d'isso chegou a attingir, de forma palpavel, a excellencia do conjuncto, sublinhada sempre, com nutridos applausos, pelo numerosissimo publico que literalmente enchia a sala do Conservatorio.

Felicitando o talentoso maestro, felicitamos tambem cada um dos participantes na execução da oratoria, não esquecendo que devemos um duplo cumprimento a Léon Jamet, que contribuiu como cantor e como organista, executando n'esta ultima qualidade, com extrema arte, o bello largo que serve de introducção á 2.<sup>a</sup> parte da oratoria.

\*

No salão do Grande Club de Lisboa, a S. José, realisou no domingo, 11, a insigne leccionista de canto, Mad.<sup>me</sup> Carolina Palhares, a sua annunciada sessão de alumnas, a que infelizmente não pudemos assistir.

Consta-nos comtudo que o exito do concerto foi de todo o ponto lisongeiro para a excellente artista, sob o ponto de vista de executante e de professora, compartilhando largamente dos muitos applausos que lhe foram dispensados, as snr.<sup>as</sup> D. Cacilda Sá Pereira, D. Alice Escalon, Mad.<sup>me</sup> Bacellar Begonha e Mad.<sup>me</sup> Ruy Pereira, suas distinctas discipulas.

\*

Explendida a matinée musical realisada a 12 d'este mez no palacete do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Antonio Ferreira Marques e organizada por sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa a Senhora Dona Sarah da Motta Vieira Marques em honra de Madame Juliette Adam, notavel escriptora franceza que, ha dias, se encontra entre nós; transcrevemos o programma que obteve por parte de todas as illustres amadoras magnifico desempenho. — Aria do 2.<sup>a</sup> acto do *Sansão e Dalila* (Saint-Saëns) por M.<sup>me</sup> Ferreira Marques; *Pensée d'Aube* (Massenet)

por M.<sup>me</sup> Bertha Chambica; *Silence inéfa-ble de l'heure* (Widor) e *Madrigal* (Chaminade) por M.<sup>me</sup> Sauvinet Bandeira; Canções populares etc., por um côro de Senhoras e rapazes primorosamente ensaiado pela illustre dona da casa que mais uma vez nos veiu dar provas do seu extraordinario *savoir faire* na divina arte dos sons. — Recitaram ainda alguns deliciosos versos a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Branca de Gonta Colaço e o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José de Castro Guimarães, que foram igualmente muito cumprimentados, terminando brilhantemente esta festa d'arte, como todas as que a illustre senhora organisa.

C. M.



## PORTUGAL

Deve têr chegado hontem a Lisboa, no vapôr «Cap Blanco» o eminente pianista portuguez Vianna da Motta.

Conta-se que os seus concertos se effectuem ainda no decurso d'este mez, e que tenham logar no theatro de D. Maria, mas não podemos por ora precisar datas.

\*

No proximo domingo, 18, realisa o joven compositor Ruy Coelho uma apresentação de obras suas no Salão do Conservatorio.

No programma avultam, alem de uma *Sonata* para piano e violino e de dois *Momentos musicas* em trio, as seguintes obras para orchestra: — *Abertura* em ré maior, *Symphonia*, e uma *suite* de cinco numeros, intitulada *Malmequeres*.

\*

No numero das audições da proxima quinzena devem tambem contar se a do pianista Agostinho Teixeira, a 24, e a da cantora D. Africa Calimerio, a 28

No programma de Agostinho Teixeira, consta-nos que figura uma *Sonata* de Beethoven, uma *Fantasia* de Mozart, e, como novidade, uma *Barcarola* de Luiz Freitas Branco.

No concerto de Mad.<sup>me</sup> Calimerio tomarão



tambem parte D. Francisco Benetó, Manuel Silva, Casaes de la Rosa e o irmão da promotora, o pianista Aroldo Silva.

\*

O violoncellista brasileiro Luiz Figueras, cuja estada em Lisboa noticiamos no numero ultimo, deu um *recital* d'apresentação nas salas da «Ilustração Portugueza», em 13 do corrente.

Por a data ser demasiadamente tardia, relativamente á da nossa publicação, não nos podemos occupar d'esse artista no presente numero.

E' provavel que depois da sua excursão ao Brazil, em julho, se faça novamente ouvir entre nós.

\*

Deve muito brevemente effectuar-se o 5.<sup>o</sup> concerto promovido n'esta epoca pela *Sociedade de Musica de Camara*. Executar-se-ha o *Concerto Brandeburguez* de Bach (1.<sup>a</sup> audição) para piano, flauta e violino, com acompanhamento d'instrumentos de arco, e os *Quartetos* de Fauré e Grieg, em 2.<sup>a</sup> audição.

Em 7 de maio terá logar, como sessão extraordinaria, o *recital* de Raymundo Macedo. Tinha a *Sociedade de Musica de Camara* o maior desejo de apresentar nos seus concertos o notavel pianista portuense, e para esse effeito o convidou ha dois annos, por occasião da sua estada na capital. Raymundo de Macedo que teve de declinar o convite, por caso de força maior, prometeu todavia consagrar este anno um concerto á *Sociedade de Musica de Camara*. Cumpre no dia 7 a sua generosa promessa, beneficiando d'ella, e duplamente, os socios d'esta antiga associação, pelo prazer de apreciar um dos nossos melhores pianistas no seu unico concerto de Lisboa — e pela vantagem de terem na presente epoca um concerto a mais, sem augmento de contribuição pecuniaria.

A serie das audições de 1908-9 termina com o grande concerto de musica portugueza, em que serão exclusivamente tocadas as obras premiadas no Concurso. Este ultimo concerto deve realisar-se na 2.<sup>a</sup> quinzena de maio.

\*

O joven violinista Ivo da Cunha e Silva fixou-se em Paris, onde em fins d'este mez começará os seus trabalhos de aperfeiçoamento com o illustre professor Joseph White.

O notavel leccionista cubano, cuja biographia e retrato ornam o numero 47 d'esta revista (anno de 1900) foi tambem o professor do nosso distincto amigo D. Francisco Benetó, a quem consagra uma grande estima e apreço.

\*

Foi agraciado com a commenda de San Thiago o nosso compatricio e applaudido cantor, Francisco Andrade. E' uma distincção que a rarissimos musicos tem sido conferida e que os elevados merecimentos do illustre artista plenamente justificam.

As nossas sinceras felicitações.

\*

Consta que em principios de maio teremos a fortuna de ouvir em Lisboa os grandes concertistas Jacques Thibaud, Pablo Casals e Alfred Cortot.

O celebre trio está contractado para o *Orpheon Portuense*, como já aqui dissemos, havendo o mais justificado desejo de o ouvir tambem em Lisboa; alguns amadores de boa vontade estão envidando todos os esforços para que esse desejo se possa realisar.

\*

O illustre pianista-compositor Oscar da Silva esteve ante-hontem em Braga, dirigindo alguns coros da sua opera *Dona Mecia*, cantados no theatro de S. Geraldo, um a recita a favôr das Officinas de S. José.

\*

## ESTRANGEIRO

Em um deposito de papeis velhos da casa Breitkopf & Hartel, de Leipzig, descobriam-se ultimamente os manuscritos de dois *Concertos* de violino, compostos por Joseph Haydn, e completamente desconhecidos.

Foram escriptos entre 1766 e 1769 para o *concertmeister* da capella Esterhazy, Luigi Tomasini, como se vê de um catalogo autographo, em que o grande mestre registrou todas as suas composições.

Ha 140 annos que estas preciosa peças se encontravam entre os restos de um archivo de musica manuscripta, que fôra organizado pelo filho do fundadôr da casa, Johann Breitkopf. Agora é que finalmente se editaram, sob a direcção de Paulo Klengel e Fillipe Scharwenka.

\*

Uma obra concertante de G. Enesco, para violoncello e orchestra, teve agora nos Concertos Lamoureux um exito muito pouco benevolo, a que o assobio não foi extranho. Digamos porém que a obra data de 1901, e que a partir d'então as qualidades de G. Enesco, como compositor, se tem consideravelmente aperfeiçoado e melhorado.

\*

Um jornal *alemão* define assim a technica de Ricardo Strauss na *Elektra*: — «Uma das *grandes* características da obra reside na quasi total ausencia de accordes consonantes. Strauss accentua na *Elektra* o principio da liberdade harmonica, já propugnado na *Salomé*. As dissonancias são frequentemente atacadas sem preparação e não é raro encontrar duas tonalidades diferentes nitidamente determinadas no mesmo accordo. O trabalho do contraponto não obedece a nenhuma regra escolastica, d'ahi a partitura apresenta o aspecto de uma obra d'onde parecem bannidos todos os principios rigorosos, que *ainda* estão em vigôr nos conservatorios!!»

\*

Os *Fest-piele* annuaes da Opera de Colonia terão lugar de 10 a 29 de juuho, com as operas seguintes: — *Mestres Cantores* (director Nikisch), *Nozze di Figaro* e *Die Zämung der Widerspenstigen* de Gøtz (director Félix Mettl), *Fidelio* (director Steinbach) e *Elektra* (director Otto Lohse).

\*

Cessou a publicação da *Neue Zeitschrift für Musik*, revista musical do mais alto interesse, fundada em 1834 pelo grande compositor Roberto Schumann, que era tambem como se sabe, um preclaro critico d'arte.

A antiga revista occupava um largo lugar na Allemanha musical e exerceu, durante os seus 75 annos de vida, uma consideravel influencia sobre o progresso artistico do seu paiz.

\*

Um monje de Montserrat, Gregorio Suñol, acaba de publicar um folheto em hespanhol sobre a *Interpretação tradicional e artistica do Canto Gregoriano*. O folheto contem interessantes conselhos sobre accentuações e

phraseado na musica vocal e é illustrado com numerosos exemplos de cantochão.

\*

Uma dama polaca offereceu a uma sociedade de beneficencia de Varsovia um velho violino, que não tinha em grande estimação. Vendo o instrumento o celebre violinista Kubelik, reconheceu que se tratava de um Giofredo Cappa, de 1682, d'extraordionario valor, apesar do mau tratamento, e com um som lindissimo.

Kubelik offereceu dar cinco concertos gratuitamente em troca do precioso instrumento, mas a sociedade não accitou a transacção.

\*

Pela casa Puttick & Simpson, de Londres, vae ser posto em leilão o famoso Stradivarius, conhecido pelo nome de *Mercurio*, e que pertencia ao fallecido amator William B. Avery.

\*

O correspondente do *Berliner Tageblatt* telegraphou de Nova York dizendo que o grande concertista Paderewski interrompeu o seu giro de concertos, impedido por um violenta ataque de rheumatismo nos braços.

Rescindiu por esse facto todos os contractos que tinha na America.

\*

A *Wiener Gesellschaft der Musikfreunde*, sociedade viennense de protecção e propaganda musicaes, instituiu um premio de 2000 corôas, para uma composição, que pode ser indifferentemente oratoria, cantata, symphonia, sonata ou concerto, mas que deve dimanar exclusivamente dos alumnos do Conservatorio de Vienna.

\*

Vae constituir-se em Berlim uma sociedade destinada a promover a construcção de um Theatro Ricardo Wagner, com o fim d'explorar o repertorio do mestre, a partir de 1914, epocha em que caducam os direitos d'auctor, de que actualmente ainda gosa a familia Wagner.

O theatro deverá conter 2500 logares de preço infimo.

\*

Teve o mez passado um grandê exito em Bruxellas um dos grandes pianistas do nosso

tempo, Joseph Wieniaceski, que apesar da avançada idade, conserva admiravelmente, não só todas as suas faculdades mnémotécnicas, mas ainda um maravilhoso mecanismo e uma rara clareza d'intelligencia.

Joseph Wieniawski faz-se ouvir annualmente na capital belga, com programmas sempre novos e escolhidos com o mais refinado sentimento artistico.

\*

Gabriel d'Annunzio terminou uma nova tragedia, *Phedra*, onde ha, como na *Nave*, uma larga parte musical, cuja composição foi confiada ao maestro Ildebrando Pizzetti.

\*

O director do Conservatorio de Paris, Gabriel Fauré, foi eleito membro da Academia das Bellas Artes, em substituição do fallecido Ernesto Reyer.

A eleição foi feita por seis escrutinios, sendo disputada a nomeação pelos conhecidos artistas Widor, Maréchal, Lefèvre, Pierné e Pessard.

\*

No nosso ultimo numero chamamos por engano ao *Beethoven* de René Fauchois — uma opera.

E' na realidade um drama, que nada tem de musical senão o assumpto, e que tem tido, por signal, um bello exito no Odéon.

\*

Fundou-se agora em Paris uma sociedade tão extravagante pelo titulo, como pelos intuitos. Chama-se *A Sacabuxa* e é destinada a fazer ouvir, em concertos de conjuncto, um sexteto de trombones.

Não sorriam. O nome está certo; sacabuxa é a designação historica pela qual é conhecido o instrumento desde o século XVII. Mas a sacabuxa data talvez do século IX e, sobretudo em Inglaterra, tomou pouco a pouco um grande desenvolvimento. Henrique VIII tinha ao seu serviço uma banda de musica, em que havia dez tocadores de sacabuxa e em 1587, tambem a rainha Isabel tinha seis instrumentistas d'esses, entre os seus musicos. Em 1604, Carlos III de Lorena fez recrutar nas orquestras inglezas os seus tocadores de sacabuxa.

A partir pouco mais ou menos d'esse tempo já o trombone (porque é preciso acabar por lhe dar o seu nome moderno) apre-

sentava uma familia completa, composta de soprano, contralto, tenor e baixo. Monteverde para o seu *Orpheu*, em 1607, empregou 5 trombones, dois contraltos, dois tenores e um baixo, e este numero está reduzido nas orquestras modernas, como se sabe, a tres unicos trombones.

Do effeito que o instrumento produz na orchestra symphonica e do seu bello timbre, cheio de solemnidade e nobreza masculina, nada é preciso dizer; mas com respeito ao resultado que o instrumento pode produzir na musica de camara, é que nos permittimos formular as nossas duvidas...

\*

Em Vienna d'Austria poz-se agora em venda um sello Johann Strauss, admiravelmente gravado, sendo o producto da emissão destinado a augmentar os fundos já recolhidos para erigir um monumento ao rei da valsa.

Parece que se tem vendido milhares d'estes sellos.

\*

Um argentario americano comprou ha poucas semanas por 37 500 francos um autentico Stradivarius, de 1727, que pertencera ao famoso Paganini.

Até 1826 esteve nas mãos de André Paganini, conjunctamente com composições e papeis que pertenceram ao grande concertista.

\*

Em Paris deve ter-se estreado ultimamente uma companhia lyrica, composta de creanças de 12 a 15 annos, dotadas, ao que parece, de bonitas vozes e constituindo uma *troupe* absolutamente homogenea.

O repertorio é muito variado, indo desde as operas como *Lucia*, *Barbeiro*, *Fra Diavolo*, etc., até ás operetas populares, *Gran-Via*, *Geisha* e outras.

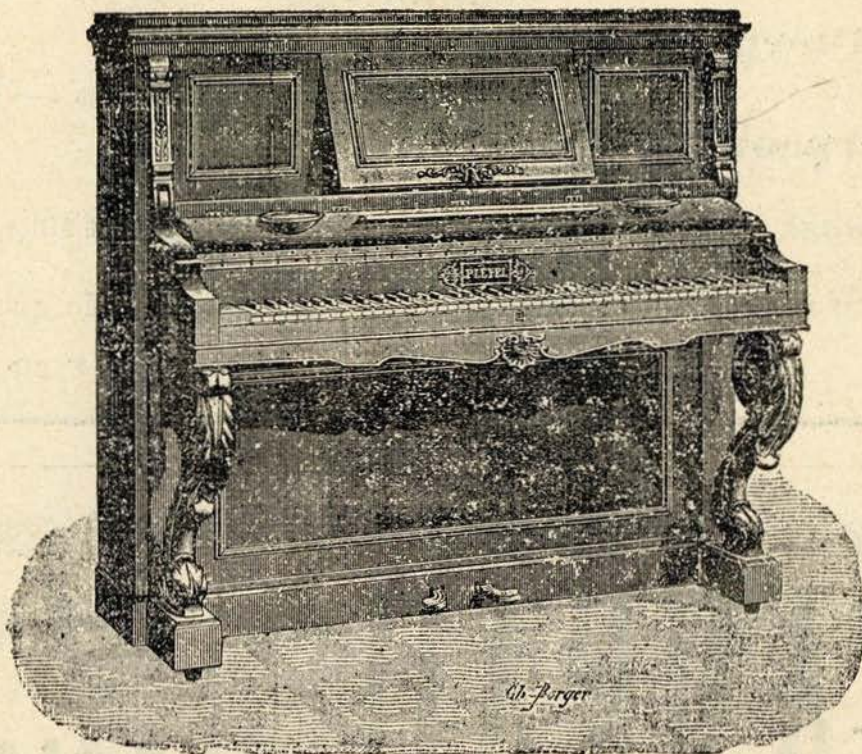
\*

Para attenuar os terriveis effeitos do echo no enorme salão do Trocadero (Paris), o nosso amigo Gustave Lyon, sympathico chefe da casa Pleyel, imaginou applicar ás partes concavas do tecto uma especie de caixas *assonoras*, formadas por grandes peças de feltro dispostas parallelamente.

Começaram os estudos em 1903 e hoje está definitivamente provado que 90 % dos echos já desapareceram, graças a mais este invento do intelligente engenheiro.

# Pleyel Wolff Lyon & C.<sup>ie</sup>

Grande fabrica de pianos e harpas  
**PARIS**



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(Systema Lyon privilegiado)

\* PIANO DUPLO PLEYEL \*

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do Jury (classe 17) da exposição de Paris — 1900



# A. HARTRODT



Séde: HAMBURGO — DOVENFLETH, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

**Hamburgo — Porto — Lisboa**  
**Antuerpia — Porto — Lisboa**  
**Londres — Porto — Lisboa**  
**Liverpool — Porto — Lisboa**

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias Portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje

**A. HARTRODT — Hamburgo**

# GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie—PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

**Hors Concours**: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—  
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

**Diplomas d'Honra**: Amsterdam (. 883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas  
(1888)

**Grand Prix**: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de  
x x • pianos d'esta reputada fabrica x x

Carl Hardt



==== Fabrica de Pianos ==== Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de forma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior dintincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados  
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, ASIAHAUS**

HAMBURGO, 8

AGENTES EM :— Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

# Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua de S. Bento, 56, 1.º E.*
- Alberto Sarti**, professor, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Collaço**, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 2, C., 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello, *R. S. Sebastião, 9, 2.º*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A.*
- Francisco Baiha**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, prof. de cortim, *R. das Salgadeiras, 18, 1.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moimho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, profes.ª de canto, *T. Santa Quitéria, rua Particular, 5, 1.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucilia Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *R. da Penha de França, 4, 3.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 51, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professora de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

## A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral  
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias .....	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte).....	1\$800 »
Estrangeiro .....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis \*

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Lisboa